

Globalização e desigualdade

O GLOBO

"Eu posso calcular o movimento dos astros celestes, mas não sou capaz de medir a loucura dos homens."

Isaac Newton

AUGUSTO MARZAGÃO

Em viagem de pesquisa por alguns países da Europa e da América, pude acompanhar de perto a preocupação de governantes, líderes políticos e sindicais, estudiosos e analistas, com as repercussões, no emprego e na vida social, da globalização da economia e da crescente automação e informatização das atividades produtivas.

Passei a saber, *in loco*, da existência de produtos com aplicação de tecnologias superavanzadas, que eu acreditava estarem ainda nas pranchetas dos projetistas e engenheiros. Por exemplo, cartão de crédito que, dispensando senha numérica e assinatura, tem como código de identificação a impressão digital do seu portador, ou ainda portas de áreas de segurança que se abrem mediante a análise fotoeletrônica dos olhos dos credenciados a utilizá-las.

Hall, o robô tirânico e paranóico do filme "2001 — Uma odisséia no espaço", de Stanley Kubrick, sai do terreno da ficção futurista de 1968 para se instalar em megaempresas, substituindo milhares de trabalhadores. E os que são mantidos no emprego obrigam-se a obedecer ordens emanadas de uma programação computadorizada, de um *software*.

No entanto, para além do aspecto filosófico existencial da negação da primazia hierárquica dos homens sobre as máquinas, preconizada pelos ficcionistas, preocupa os líderes das nações industrializadas — onde o problema é mais agudo — a escalada estatística do desemprego estrutural. Isto é, aquele resultante das mudanças macroeconômicas, via avanços tecnológicos incorporados pelos setores produtivos de primeira linha.

O Japão, com uma das mais informatizadas indústrias do mundo, tornou-se igualmente um dos primeiros países a investir, intencionalmente, em atividades de uso intensivo de mão-de-obra que dispensam a utilização de recursos da robótica, no exclusivo intuito de garantir empregos. Temos aí uma reação criativa e recuperadora nascida do próprio ventre da vertigem tecnológica.

Em data recente, o presidente da Assembléia Nacional da França, Philippe Seguin, transmitiu na sede da União Européia, em Bruxelas, uma lúcida mensagem instando a discussão universal e em profundidade dessa grave e urgente matéria. Como ninguém ignora, o nível de desemprego na Europa atinge hoje índices alarmantes, paradoxalmente em meio à sólida prosperidade continental.

Nos Estados Unidos, grandes empresas e sindicatos vêm se reunindo para debater o tema, motivados pelos sinais de alerta que a sociedade emite de forma cada vez mais enfática, denunciando por exemplo a dramática realidade do desemprego entre os milhões de jovens que chegam ao mercado de trabalho sem oportunidade de acesso. Embora preparados, inclusive pelos meios do ensino superior e da especialização profissional, encontram-se diante de uma crise de frustração e de desesperança. Que fazer com os seus diplomas e os seus títulos de capacitação? Que alternativas lhes restam?

Em sua viagem de há pouco ao exterior, o presidente Fernando Henrique Cardoso expôs, na cidade do México, a uma platéia de professores, universitários, estudiosos e jornalistas internacionais, o seu ponto de vista sobre o processo de globalização em curso e os desafiantes efeitos que provoca na economia e no equilíbrio social de todos os povos. Desse discurso recolhi a certeza de que o chefe de Estado brasileiro jamais esqueceu nem renegou a penetrante visão social dos problemas do nosso tempo, que traz desde a universidade e o Congresso. A seleta audiência sensibilizou, particularmente, o cenário sombrio de marginalização, miséria e doença focalizado pelo nosso presidente, dentro do qual padecem quatro quintos da Humanidade, em decorrência das distorções humanísticas e éticas geradas pelo capitalismo sem barreiras nem fronteiras. Ganhando espaço nos principais veículos da mídia internacional, esse pronunciamento reforçou a posição de liderança que já exerce o presidente brasileiro na América Latina, ao contrapor-se à tendência intervencionista da alta finança mundial, capaz de inviabilizar qualquer projeto nacional de países em desenvolvimento que não se submetam aos seus parâmetros e conveniências. O capitalismo que se compraz em ganhar na produtividade e nos lucros, apenas trocando homens por máquinas, converte-se num sistema que inventa a guilhotina para o próprio pescoço, como fizeram os radicais da Revolução Francesa. O desemprego estrutural em massa reduziria a pó todas as conquistas do livre mercado, começando pela abundância da oferta e pela democratização do consumo.

As referências presidenciais ao "retorno do humanismo", aos "valores comunitários" e à necessidade da recriação de uma "ética de solidariedade" animam a perspectiva de uma antecipação do pós-neoliberalismo, quando a otimização das economias pela globalização — que hoje governa o progresso mundial ao custo do sacrifício, em escala planetária, dos excluídos do processo — deverá contemplar prioritariamente o combate à desigualdade entre os Estados, os povos e os segmentos sociais.

AUGUSTO MARZAGÃO é jornalista.